

---

- **SOCIOLINGÜÍSTICA II**

Coordenador(a): *Cândida Mara Britto Leite*

---

**A REFERÊNCIA DE PRIMEIRA PESSOA EM ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO INICIADAS POR PARA**

*João Ricardo Melo Figueiredo (UFRJ)*

Este trabalho apresenta resultados de um estudo sobre a variação entre as formas da referência pronominal de primeira pessoa do singular em orações introduzidas por PARA seguida de

infinitivo na fala informal do Rio de Janeiro. Focaliza-se o uso das variantes *mim*, pronome oblíquo, estigmatizado pela norma gramatical brasileira que ocorre em 28% dos casos e sua alternante zero que ocorre 67% dos casos, (cf. ex. (1)): Uma terceira variante, o pronome reto eu não é analisada neste trabalho. Embora prescrita pelas gramáticas escolares tem presença residual (5%) neste contexto. (1)Eu não conseguia [fazer] aí quem levava mais castigo era eu, porque um dia só para fazer aquilo tudo, ainda tinha dever para  $\emptyset$  fazer (variante zero)r, que eu estudo em duas escola, particular e pública, aí não dava para mim fazer (variante *mim*) tudo ao mesmo tempo. Aí eu faltava aula para mim- por isso que eu não passei para mim fazer (variante *mim*) esse dever todo." FONTE: PEUL C58

A análise baseia-se no modelo laboviano para o estudo da variação (Labov, 1972) e nas propostas do funcionalismo lingüístico (Givón, 1995). O corpus é extraído de entrevistas da amostra Censo (PEUL/UFRJ) com 64 informantes distribuídos regularmente por idade, gênero/sexo e escolaridade. São considerados três grupos de fatores, um sintático: função da oração reduzida; um discursivo: tipo de texto e um social: escolaridade.

Os dados empíricos revelam o distanciamento do falante em relação à forma preconizada pela Gramática Normativa na fala informal. Os resultados estatísticos apontam a relevância dos contextos propostos para a escolha entre as formas em uso.

## **A VARIAÇÃO DA MÉDIA PRETÔNICA (/O/) NO FALAR PARANAENSE**

*Dircel Aparecida Kailer (UNESP), Édina de Fatima de Almeida*

Nesta comunicação apresentaremos os principais resultados de um estudo, com dados do Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994), a respeito da pretônica /o/ no falar de informantes da zona rural de 30 cidades paranaenses. Investigamos, à luz da Sociolingüística Quantitativa Variacionista, as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que operam na regra de alçamento da vogal pretônica /o/. Verificamos de modo específico que os contextos lingüísticos são determinantes no alçamento ([u]) ou na manutenção ([o]) dessa vogal. Já às variáveis sociais, apesar de serem pouco relevantes na aplicação da regra de alçamento, podem ser um indicativo de prestígio em relação à manutenção do /o/ pretônico nesta variedade.

## **ASPECTOS GRAMATICAIS DO FALAR COLOQUIAL DA COMUNIDADE DE MULUNGU- BA**

*Cristiane Benjamim Santos (USP)*

A presente comunicação é parte de um trabalho em andamento que tem por objetivo apresentar riquezas socioculturais e sociolingüísticas de comunidades quilombolas rurais da Chapada Diamantina-BA. Neste trabalho apresenta-se uma descrição geral de aspectos gramaticais de natureza lexical e morfossintática registrados no falar coloquial de Mulungu. O corpus utilizado é formado por 25 entrevistas realizadas com informantes naturais da referida comunidade e que nunca residiram fora dela. A coleta de dados foi realizada mediante observação direta intensiva com aplicação da técnica da entrevista do tipo despadronizada em que a pesquisadora questiona sobre a origem da comunidade e a caracterização do estilo de vida de seus integrantes, bem como as alterações de seus hábitos e costumes no decorrer dos anos.

## **ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO DISCURSO DE EVANGÉLICOS HABITANTES DE FAVELAS PAULISTAS**

*Andrea Colsato (USP), Jaqueline Massagardi Mendes (USP), Roseli Cordeiro*

Este trabalho visa à descrição de aspectos sociolingüísticos da variedade sub-standart utilizada por falantes de baixa escolaridade, adeptos da religião protestante, habitantes de submoradias

em duas cidades paulistas: São Paulo e Jundiá. Como metodologia de pesquisa, utilizamos a sociolinguística variacionista laboviana de coleta e quantificação de dados. Temos por hipótese que o estilo de fala de usuários do Português Brasileiro com esse perfil é alterado quando induzidos a discursar sobre a religião e a Bíblia, seu livro sagrado. Notamos nas entrevistas realizadas que, quando indagados sobre religião, os falantes provenientes de classes sociais menos favorecidas, em cujo vocabulário se encontram formas e construções da variedade não-padrão do português, parecem mudar o registro de formalidade de seu discurso, a ponto de utilizarem um léxico mais privilegiado, notadamente advindo da terminologia própria da doutrina cristã. Discutiremos se, juntamente com o léxico, o nível morfossintático das construções produzidas por esses falantes também é alterado.

## **ATITUDES LINGÜÍSTICAS EM RONDONÓPOLIS**

*Geiza da Silva Gimenes Gomes (UNIR), Luciana Mendonça*

O presente trabalho constitui-se num registro de atitudes lingüísticas de indivíduos rondonopolitanos e não-rondonopolitanos frente a sua fala e a fala do outro, na cidade de Rondonópolis-MT. Ou seja, como o rondonopolitano avalia sua fala e a fala do outro e como o não-rondonopolitano avalia a fala do rondonopolitano. A escolha do tema de natureza sociolinguística surgiu devido ao fato de Rondonópolis ser uma cidade com grande fluxo de migrantes de diversas regiões brasileiras. Assim, por ter sua estrutura baseada na agropecuária, política e comércio investigamos as atitudes lingüísticas dos falantes dessas áreas, procurando destacar a vida social da comunidade rondonopolitana, suas relações sobre os falares dos diversos grupos lingüísticos, ressaltando a importância da linguagem nos diversos dialetos encontrados no convívio diário dos indivíduos. A investigação deu-se via entrevistas gravadas com informantes de cinco regiões do Brasil, além do rondonopolitano, sendo, logo após, analisadas e demonstradas como prevê a pesquisa qualitativa. Após análise, pudemos perceber que o rondonopolitano relata que seu falar é composto de uma variedade de dialetos, acrescido de "muitas influências" relacionadas à história da povoação da região e do convívio diário entre os dialetos em contato, embora demonstre ter seu falar proximidade com os falares do paulista, do goiano e do mineiro. Já os informantes não-rondonopolitanos apresentam respostas distintas quanto a definição do falar rondonopolitano, além de apresentarem algumas marcas lingüísticas que eles julgam compor o falar do rondonopolitano. (Palavras-chave: Atitudes. Dialetos. Falantes).

## **PARADOXO DO OBSERVADOR: PERSPECTIVAS A PARTIR DA VARIANTE AÇORIANA CATARINENSE**

*Amábilie Bianca Nogueira (USP)*

Pesquisas de campo em que estão envolvidos estudos de Sociolinguística, Lingüística Histórica e Dialetoлогия são extremamente importantes para o conhecimento das variantes do Português Brasileiro. O primeiro passo no trabalho de campo é recolher, ou seja, gravar uma quantidade significativa do vernáculo para análise. Embora esse material possa ser fruto, pelo menos em parte, de conversas entre informantes, sem a intervenção direta do pesquisador, na maioria das entrevistas a participação dele se faz necessária, entre outras coisas, para garantir o tempo mínimo de duração da entrevista e, através do controle dos tópicos, levantar os dados pertinentes para a pesquisa. Portanto, a presença do pesquisador no momento da coleta de material lingüístico é inevitável. Na terminologia da Sociolinguística, este fato é denominado de o paradoxo do observador, isto é, para conseguir uma boa amostra de língua vernácula, o pesquisador precisa estar presente. Porém, como fazer com que o informante aja de forma espontânea perante

alguém que está analisando sua língua? Portanto, podemos afirmar que a coleta de dados é um trabalho extremamente complexo para quem trabalha, sobretudo, com o quesito tempo aparente. Como interagir com cada grupo de informantes para lograr um bom material de pesquisa? Em relação às gravações, como se processam os mecanismos lingüísticos e paralingüísticos para criar um contexto propício à obtenção de dados lingüísticos fidedignos? Partiremos do fato lingüístico para construir um modelo teórico. Através de dados coletados na antiga região catarinense da enseada de Itapocorói, o presente trabalho pretende investigar quais são os principais tópicos conversacionais e estratégias argumentativas utilizados pelo pesquisador para obter melhores dados para o tipo de pesquisa enumerada.

## **UM ESTUDO DE VARIANTES DO /R/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA NO INTERIOR PAULISTA**

*Cândida Mara Britto Leite (UNICAMP)*

O estudo dos róticos, classe de sons do fonema /r/, suscita muitas discussões no âmbito da investigação lingüística. Os estudos sociolingüísticos mostram que os róticos exibem um alto grau de polimorfismo, sendo útil a estratificações sociais e regionais, por exemplo. Já as descrições fonéticas salientam a grande variabilidade dessa classe de sons, o que torna difícil a tarefa de agrupá-los sob um mesmo conjunto de características. Neste trabalho, de caráter indiciário, o objetivo é o de verificar se a duração constitui um parâmetro significativo para diferenciação das variantes aproximante retroflexa, vogal rotacizada e aproximante palatal que concorrem em posição de coda silábica em dialetos do interior paulista. Para responder a essa questão, o corpus utilizado consta de gravações com dois informantes naturais da cidade de São José do Rio Preto (SP). Ressaltamos que os dados utilizados são parte do corpus da pesquisa desenvolvida por Leite (2004), cujo objeto específico era a variação do /r/ em posição de coda silábica na fala informal de graduandos migrantes da cidade de São José do Rio Preto (SP) em direção à cidade de Campinas (SP).